

O MERCADO CAFEIRO NO BRASIL: um estudo sobre a influência de políticas governamentais nos produtores e exportadores de café da região da Alta Mogiana

Amábile Caroline de Paula Lopes¹

Orientador: Prof. Dnd. André Luis Centofante Alves

Resumo: O Brasil é considerado um dos maiores produtores e exportadores de café, chegando ao seu auge no século XIX, porém, sofreu forte queda em 1929 com a queda na Bolsa de Nova Iorque. Nos últimos anos, o café voltou a sofrer com as oscilações do mercado. Este artigo tem por objetivo analisar as políticas governamentais no Brasil frente ao mercado cafeeiro com relação às oscilações dos preços do grão nos últimos tempos, levantando as medidas implantadas pelo mesmo e quais os incentivos oferecidos aos produtores, cooperativas e intermediários mediante pesquisa de campo, bem como estão enfrentando as oscilações do mercado. A partir de dados bibliográficos, será levantada a parte histórica do café e as mudanças que ocorreram na economia do país, além das políticas de produção e comercialização do grão no mercado. A excessiva oferta da *commodity* no mercado fez com que seus preços recuassem, levando a desmotivação dos produtores e erradicação de lavouras. A venda da produção não cobre os gastos nas lavouras. Entretanto, a forte estiagem sofrida no último ano reduzirá a produção e, conseqüentemente, afetará o mercado por não haver sacas suficientes para abastecê-lo. A demanda será excessiva e a produção existente não conseguirá supri-la, o que alavancará seu preço.

Palavras-chave: mercado cafeeiro, produtores, mercado, políticas governamentais, oscilações.

Introdução

O Brasil é um dos maiores produtores e exportadores de café, além de ser um dos maiores consumidores do produto. Contudo, nos últimos tempos, têm sofrido com as oscilações do mercado interno e externo de café.

Atualmente, é responsável por um terço da produção mundial de café, produzindo mais de 50 milhões de sacas, com mais de três milhões de toneladas em 2012.

Segundo Choucair (2012), "os principais destinos das exportações brasileiras de café são os Estados Unidos, Alemanha, Itália e Japão", sendo o

¹ Aluna regularmente matriculada no 7º semestre do Curso de Administração de Empresas – diurno – do *Uni-Facef Centro Universitário de Franca*.

principal grão exportado o café arábica, representando cerca de 90% das exportações feitas.

O artigo encontra-se dividido em quatro partes. Na primeira parte será abordado o conceito histórico do café, desde suas origens até a chegada ao Brasil, e sua participação no mercado brasileiro, além das políticas implantadas pelo Governo e como afetam na produção das empresas cafeeiras, com enfoque na região da Alta Mogiana.

O segundo refere-se à metodologia de pesquisa deste artigo e o terceiro, destinado ao estudo de caso envolvendo pequenos e médios produtores, cooperativas e intermediários, onde são levantadas questões sobre os incentivos por parte do Governo e mercado.

A quarta e última parte está destinada a análise dos dados, assim como a sua interpretação, e, finalmente, a conclusão.

1 Mercado cafeeiro no Brasil

O café é uma planta originária da Etiópia que chegou ao Brasil na segunda década do século XVIII, trazidas pelo Sargento-Mor Francisco de Mello Palheta, e que logo espalharam-se pelo interior dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. O clima favorável e a terra fértil tornaram-se propícias para o desenvolvimento e crescimento de lavouras e novas espécies em diversas regiões.

Apesar de existirem várias espécies de café espalhadas pelo mundo, as mais apreciadas são o café Arábica e o Robusta, também chamado de Conillon. A espécie Arábica é considerada como sendo o café de maior qualidade com aromas e sabores mais intensos, agregando valor ao produto. Por esse motivo, é o produto de mais fácil aceitação no mercado internacional. Cultivado principalmente na América do Sul e América Central é originário das regiões montanhosas da Etiópia. Destacam-se como sendo de qualidade Arábica as produções de: café nacional (ou café comum), Bourbon vermelho, amarelo de Botucatu, Caturra, Mundo Novo e Catuaí Vermelho.

Já o café Robusta, ou Conillon como é mais conhecido no Brasil, possui qualidade inferior ao Arábica, e conseqüentemente, seu preço acaba tornando-se menor também. Possui cultura forte na África, Costa do Marfim e Índia, devido à posição geográfica e por tratar-se de um espécie se que adapta a diversas

condições climáticas. Vem sendo utilizado nas indústrias de café solúvel e nas torrefações como “blend”² ou liga, “a fim de que seu sabor apareça em menor proporção na bebida final” (ROSA, 2008). No Brasil, é cultivado nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, Mato Grosso e Espírito Santo. Destacam-se nesta espécie o café Conillon, Guarani, Robusta e Uganda.

A região da Alta Mogiana destaca-se por produzir à espécie Arábica em volume e qualidade na produção. As mudas chegaram à região por volta de 1825, que logo tomaram conta da região pelo grande volume de produção, além de contar com um clima favorável, redes de escoamento do grão e mão de obra farta.

Em grande altitude e com clima favorável, a Alta Mogiana tornou-se tradicional produtora com larga experiência na produção de cafés finos. A qualidade do café da região proporciona aos produtores maior rentabilidade, atingindo valores superiores as médias tradicionais (GOMES, 2011, p. 34).

Por muitos anos, a região constituiu-se de momentos de glória. Porém, com a queda da Bolsa de Valores em Nova Iorque, várias plantações foram arrancadas, diminuindo a produção. A crise proporcionou o aperfeiçoamento do cultivo na região, aumentando a qualidade do café, diminuindo custos e a contenção de despesas, proporcionando assim, um maior investimento por parte dos produtores em seus cafezais.

Embora tenham sofrido com a crise, os produtores da Alta Mogiana aperfeiçoaram o grão, agregando qualidade a este, tornando-o mais fino, o que ocasionou a valorização no mercado e aumento da margem de lucro, possibilitando assim, além do aumento da produção, investimentos nas lavouras.

“Por quase um século, o café foi a grande riqueza brasileira, e as divisas geradas pela economia cafeeira aceleraram o nosso desenvolvimento e inseriram o Brasil nas relações internacionais de comércio” (PASCOAL apud GOMES, 2011, p. 17). O café representava mais de 50% dos lucros das exportações no período da república no país, chegando a abastecer dois terços do mercado mundial de café entre 1889 e 1933.

O “ouro negro”, assim chamado pelos produtores, ganhou destaque no mercado após a queda das exportações de algodão, açúcar e cacau no século XIX,

² Blend é a combinação de cafés que possuem características complementares, visando equilibrar e valorizar as suas qualidades. Produz bebidas com características exclusivas.

trazendo grande lucro para os produtores da região de São Paulo, que logo enriqueceram.

Além dos “Barões do Café”, o país também se beneficiou com o aumento das exportações do produto, pois ferrovias e portos foram ampliados e melhorados, e a procura por emprego aumentou.

Com a queda da Bolsa de Valores de Nova Iorque em 1929, seu preço caiu bruscamente. As exportações foram cessadas; o país deixou de exportar milhões de sacas para os Estados Unidos, e como consequência, o preço caiu. Muitas sacas de café foram queimadas.

Com o passar do tempo e com as alterações do Governo, o Brasil voltou a exportar. O café produzido no Brasil é o principal e maior produto exportado sem valor agregado, pois muitas outras variedades de café foram criadas durante esses anos e com isso, o consumo por um café de alta qualidade deixou de ser procurado.

Os custos para se produzir um café de alta qualidade são altos, o que acaba por encarecer o produtos. Muitos insumos e fertilizantes são utilizados para enriquecerem as lavouras com nutrientes e evitar doenças, garantindo uma lavoura saudável e de alta produção. A mão de obra (direta ou indireta) na lavoura também tornou-se sinônimo de custos altos, mas devido ao desenvolvimento de implementos e alta tecnologia, o uso dos “boias-frias” ou “paus de arara” estão se tornando escassos. Em muitas lavouras o uso de máquinas é predominante, o que acaba por agilizar o processo e, conseqüentemente, reduzir gastos. Todavia, em alguns casos, ainda utiliza-se do serviço braçal nas lavouras.

Nos últimos meses, os cafeicultores voltaram a sofrer com as oscilações do grão. Com a queda no mercado de café, as exportações cessaram, o que acabou por prejudicar, em termos financeiros, muitos cafeicultores.

Segundo o presidente do Conselho Nacional do Café (CNC), Silas Brasileiro, o ano de 2013 “foi um dos piores para a cafeicultura ao longo da última década no que diz respeito aos preços pagos pelo produto”. As cotações recuaram absurdamente, o que não ocorria há mais de cinco anos.

O preço do produto baixou gradativamente. Muitos produtores ficaram endividados, outros chegaram à falência. Como consequência dessas oscilações, lavouras foram destruídas; produções foram armazenadas esperando para que haja

um aumento no preço do produto, causando assim, mais custos na produção e estocagem do mesmo.

Com base no cenário que o mercado está vivenciando, o CNC orientou os produtores a:

[...] como buscar os melhores momentos de mercado para comercializar parte de suas safras, que foram diversos, e, de forma alguma, cultivar novas áreas, ponto que defendemos desde 2011, haja vista que isso levaria a um – ainda que pequeno – excedente de oferta e mais pressão sobre as cotações [...] (BRASILEIRO, 2013).

1.2 Políticas governamentais

De 1909 a meados de 1930, o Brasil foi governado por presidentes com procedência política voltadas para a agricultura. Apesar do apoio destes, a estrutura dominante do país manteve seus traços gerais. Segundo Cotrim (2005), a economia continuou sendo voltada para a produção de matérias-primas e gêneros tropicais para a exportação, sujeitas às oscilações do mercado internacional.

Entretanto, com a crise de 1929, as exportações reduziram em 50%, afetando diversos setores da economia do país devido ao fato de a maioria do capital estar investido neste setor. “O Governo Vargas procurou agir em defesa da cafeicultura, proibindo o plantio de novas mudas de café durante três anos e ordenando a queima de milhões de sacas estocadas em depósitos do Governo” (COTRIM, 2005). Tinham como objetivo evitar a superprodução e com isso, recuperar o preço do café.

Com as medidas implantadas pelo Governo Vargas, o mercado cafeeiro no Brasil só voltou a estabilizar-se a partir de 1939. “Até hoje, entre avanços e retrocessos, ainda persiste um elenco de problemas que afetam a economia cafeeira e os ganhos mais substantivos com esse grão se fazem depois da porteira da fazenda” (DUARTE, 2014, p. 20).

“Ganham crescente importância às políticas governamentais para o aumento da competitividade do agronegócio brasileiro, para agregar valor ou garantir a qualidade do produto” (CONCEIÇÃO, 2005). O Governo brasileiro têm promovido incentivos financeiros e mercadológicos aos agricultores para aumentarem a produção e melhorarem a qualidade de seus produtos com financiamentos de créditos para compra de insumos e implementos agrícolas a baixas taxas e maior tempo de carência.

Contudo, desde o ano de 2011, o mercado cafeeiro voltou a sofrer oscilações, o que causou um grande prejuízo em termos financeiros, tanto para os grandes como para os pequenos e médios produtores do grão.

Para amenizar a situação, o Governo Federal juntamente com outras instituições do setor, buscaram alternativas para que o produtor não fosse completamente afetado pela crise do mercado cafeeiro.

Negociaram:

[...] um alicerce baseado em quatro pilares estruturadores: (i) prorrogação dos investimentos da linha de estocagem 2012 do Funcafé³; (ii) atualização do preço mínimo do produto, congelado desde 2009; (iii) implantação de instrumentos de mercado que devolvessem a competitividade ao setor; e (iv) renegociação do passivo frente à falta de renda na atividade [...] (BRASILEIRO, 2013).

Outra medida implantada pelo Governo são os leilões realizados pela Conab (Companhia Nacional de Abastecimento), seguidos de políticas de preço implantadas pelo Ministério da Agricultura, onde oferecem uma cotação mínima para o preço da saca. Em outubro de 2013, ocorreu o último leilão do ano, conhecido como “Leilão Pepro”, onde foram arrematados 4.058 contratos, o que correspondem a 405,5 mil sacas, a um preço mínimo de R\$347,00 (trezentos e quarenta e sete reais) a saca de 60 kg.

A prorrogação dos pagamentos de estocagem fez com que os agricultores não vendessem suas sacas de café a preços baixos, onde nem se quer pagariam os custos da produção, além de causar uma sobre-oferta do produto em plena a entrada da nova safra.

As medidas implantadas também provocaram o reajuste nas cotações dos preços mínimos, que estabilizariam as oscilações no mercado, apesar de serem fixadas abaixo do custo mínimo de produção.

Apesar dos investimentos feitos pelo Governo juntamente com diversas instituições do setor com suporte para os produtores, Brasileiro (2013) afirma que “ainda que com limitações impostas por fatores tributários e econômico-financeiros, tentam auxiliar a cafeicultura brasileira”. Além disso, concorda que as ações impostas vieram com um certo atraso para o setor, além de não sanarem totalmente a situação financeira do mercado.

³ Fundo de Defesa da Economia Cafeeira

O Brasil é um país com forte dependência da agricultura, contribuindo consideravelmente para a formação de seu PIB. E com isso, os governantes através do cooperativismo, busca em seus líderes, formas de controle e qualidade de produção, tanto no que diz respeito ao setor produtivo, quanto qualitativo (FERREIRA, 2006, p. 19).

2 Metodologia

Este artigo tem por objetivo analisar as políticas governamentais no Brasil frente ao mercado cafeeiro com enfoque na região da Alta Mogiana, com relação às oscilações e quedas bruscas de preços que o mercado tem enfrentado nos últimos tempos, levantando as medidas implantadas pelo mesmo e como oferecem ajuda aos produtores e exportadores do grão. Possui o intuito também de conhecer como as empresas produtoras de café estão enfrentando as oscilações, o que acaba por afetar a produção e exportação do café.

A partir de dados bibliográficos feitos por meio de materiais publicados em revistas, jornais, sites de empresas do ramo cafeeiro, monografias e livros, levantou-se a parte histórica do agronegócio citando as principais culturas do país e o seu papel no mercado, com enfoque no café, onde se estudou desde a sua chegada ao Brasil, como também as mudanças que ocorreram na economia do país e as políticas de produção e comercialização do grão no mercado.

Levantou-se a partir de pesquisa de campo, mediante entrevista com representantes de cooperativas, intermediários e pequenos e médios produtores de café da região da Alta Mogiana, os incentivos para o aumento da produção e comercialização do grão, assim como o incentivo a exportação e o aumento desta.

Os investimentos feitos pelos produtores são altos no setor cafeeiro, contudo, o retorno não está sendo proporcional ao referido investimento. As várias oscilações sofridas no mercado de café nos últimos tempos aliada à falta de políticas governamentais, fez com que os produtores ficassem desmotivados a continuar com a produção.

Este estudo mostra as razões de tal desmotivação, os incentivos governamentais brasileiros e do próprio mercado cafeeiro para que os produtores continuem no ramo para que a produção não cesse, fato que se ocorrer, obrigará o país a importar café, e como isso afetará em termos econômicos e no desenvolvimento do país.

3 Estudo de caso

O estudo de caso foi feito a partir de pesquisa de campo, mediante entrevista realizada com representantes de pequenos e médios produtores, cooperativas e intermediários de café, objeto de estudo deste trabalho. Levantou-se a questão da queda dos preços do grão e os incentivos oferecidos pelo Governo, além do uso da tecnologia e custo elevado nas lavouras.

Em entrevista com representante de intermediários, que classificam, armazenam e realizam a venda para os cafeicultores que não fazem parte de cooperativas, obteve-se a informação de que foram implantadas medidas de comercialização, como por exemplo, a fixação do preço mínimo de R\$307,00 a saca, porém, vemos que não estão sendo cumpridas essas tais medidas, pois, o mercado não está operando ao preço mínimo; há a oferta de R\$280,00 a R\$290,00 a saca, ou seja, uma queda de 5,5% a 8,8% que, apesar de parecer pouca, apresenta um valor significativo no bolso do produtor.

Já a queda nos preços ocorre devido ao fato de se ter muita oferta no mercado e pouca procura, ou seja, a “Lei da oferta x demanda”. Quando há uma grande quantidade de um produto ofertado, no caso, o café, os preços tentem a cair; é o que vemos hoje. Há uma grande quantidade de café circulando no mercado. Apesar de o Governo brasileiro, juntamente com a Conab, terem realizado o “Leilão Pepro” no final do ano de 2013, onde mais de 3 milhões de sacas foram retiradas do mercado, pouco se adiantou; os preços não reagiram como se era esperado.

A situação deve mudar a partir do ano de 2015 pois, com a queda nos preços, muitos cafeicultores estão deixando de lado o tratamento às lavouras o que acarretará na quebra da produção já agora na safra 2014, que ocorre entre os meses de maio e agosto. Com pouco café circulando no mercado, a tendência dos preços é reagir.

Buscou-se também informações referentes às cooperativas, aqui, representadas pela Cooparaiso, filial de Altinópolis/SP. A cooperativa também serve de intermediária entre o produtor e mercado, porém, com algumas “vantagens”. A partir das cooperativas, além dos produtores utilizarem o café como moeda de troca nos produtos que a mesma oferece, realizam vendas a mercado físico, onde oferecem liquides a estes, ou seja, independentemente do mercado estar em alta ou em baixa, faz-se um reajuste dos valores baseando-se nos pontos negativos da

commodity e repassam aos produtores a um preço moderado. No mercado futuro, oferecem a opção do produtor “travar” o preço da saca que só será entregue a uma data “x”. Isso significa que: se o mercado estiver em baixa na data estipulada a entrega do contrato, o produtor sairá ganhando; se estiver acima do valor do contrato, muitos sairão perdendo.

Com relação aos incentivos do Governo, estes oferecem o “Concafé”, uma espécie de financiamento que é pago em sacas de café a longo prazo, no caso, entre uma safra e outra, e o “Leilão Pepro” já citado anteriormente.

Já os pequenos e médios produtores, representados neste estudo de caso por um sitiante da cidade de Batatais/SP, não possuem tantos benefícios assim. Gasta-se muito para se produzir, e o que se produz retém um lucro pequeno. O tratamento nas lavouras tem se tornado um investimento relativamente alto se comparado ao preço que se é vendida a saca de café atualmente. Além do café, precisam recorrer a outras culturas para que se possa complementar com a renda que os cafezais oferecem.

Contam com os avanços da tecnologia, que agilizam no manuseio das lavouras, principalmente na colheita, além de reduzirem os custos. Pequeno/médios produtores se destacam na agricultura familiar, ou seja, a família ajuda nos serviços nos cafezais reduzindo assim, custos com mão de obra de terceiros.

Além do mercado encontrar-se em baixa, o produtor recebe poucos incentivos vindos do Governo; conta somente com o “Pronaf” em forma de financiamentos, e do seguro da lavoura caso aconteça estiagens, chuvas de granizo, queima da lavoura e geadas. Caso não faça parte de alguma cooperativa cafeeira, o produtor realiza suas vendas a partir de intermediários, na maioria das vezes, com base no mercado físico.

O mercado voltou a sofrer oscilações, mas desta vez para melhor. Com a queda dos preços desde o final de 2013, finalmente o café voltou a reagir. Devido a baixa dos preços, os produtores recuaram no mercado fazendo com que a oferta pela *commodity* aumenta-se, chegando a R\$460,00 a saca de 60 Kg do café arábica em algumas regiões do Brasil no final de março deste ano. Muitos preferiram efetuar suas vendas, já que a este preço, os gastos seriam pagos e se obteria algum lucro. Alguns produtores ainda com a esperança de que o café chegará a R\$500,00 a saca, seguraram sua produção.

Na primeira semana do mês de abril de 2014, o CNC divulgou a estimativa de safra para o ano, tanto arábica como conillon, prevendo um volume de 43,3 milhões de sacas, sendo considerada esta uma das safras mais baixas dos últimos tempos. Com a quebra na colheita, o Brasil não conseguirá atender a oferta no mercado interno e externo, enfrentando o mesmo problema em 2015 e 2016, por não possuírem estoques que supram o mercado, chegando a um déficit entre 10 a 14 milhões de sacas.

Os preços continuam instáveis, sofrendo quedas após chegar a R\$460,00. A segunda semana de abril teve fechamento entre R\$410,00 e R\$430,00⁴, com alta também no fechamento de contratos futuros, com entrega para setembro de 2014. Porém, com a estimativa de queda na produção devido as estiagens sofridas desde 2013, os preços tentem a aumentar no mercado interno e externo. Os produtores clamam pelo aumento da saca para que se possa pelo menos cobrir os gastos da colheita.

4 Considerações finais

O café já vivenciou tempos de glória, onde houve progresso em diversas regiões do país, inclusive da Alta Mogiana, com construções e ampliação de ferrovias, portos e estradas. Os produtores também se beneficiaram com o café: as áreas de plantio foram ampliadas, as fazendas se multiplicaram e a oferta por mão de obra era farta.

Com a queda da Bolsa de Nova Iorque, a situação mudou. A economia do país desestabilizou-se; as exportações sessaram. Milhões de lavouras foram arrancas, sacas de café foram queimadas, cafeicultores chegaram à falência. O tempo dos “Barões do café” havia chegado ao fim.

Anos se passaram e o mercado cafeeiro voltou a atuar. Produtores voltaram a investir em suas lavouras; os preços das sacas de café fizeram os olhos dos produtores brilharem. Os tempos de glória haviam voltado, mas isso perpetuou por pouco tempo.

Atualmente, o mercado cafeeiro tem sofrido oscilações, quedas bruscas que voltaram a afetar a produção. Muitos cafeicultores estão desmotivados

⁴ Cotação realizada em 07 de abril de 2014.

a continuar no ramo. Os gastos para se produzir estão relativamente altos, porém o preço de venda no mercado nem se quer paga os custos.

Isso se dá devido ao fato de que, quando o preço do café reagiu a alguns anos atrás, milhares de produtores investiram novamente do cultivo do grão. As lavouras produziram, e hoje o que se tem é uma oferta excessiva de café no mercado.

Medidas governamentais foram implantadas, principalmente leilões para que retirassem milhões de sacas de café do mercado e este voltasse a reagir. Muitas sacas de café foram retiradas de circulação, mas o preço não reagiu como se esperava.

A partir de pesquisa de campo realizada, mediante entrevista, com representantes de pequenos e médios produtores, cooperativas e intermediários, levantou-se a questão da queda dos preços, incentivos oferecidos pelo Governo, avanços na tecnologia e custos elevados de produção e como isso afeta na produção de café.

Atualmente, para se produzir um café de qualidade, os custos são relativamente altos se comparados ao preço da saca no ato da venda. Hoje, para se produzir um café de qualidade, gasta-se em torno de R\$300,00 a saca de 60 kg mas, na hora da venda, o que se consegue é um preço mínimo que varia entre R\$290,00 e R\$307,00 a saca. Colocados na ponta do lápis, tem-se um lucro praticamente zero.

A queda dos preços se dá mediante a grande quantidade de oferta do grão no mercado e pouca procura deste, a então chamada “Lei da oferta x demanda”. Porém, nem mesmo com os leilões realizados durante o ano os preços voltaram a reagir.

Em relação aos incentivos oferecidos pelo Governo brasileiro, constatou-se que estes não beneficiam diretamente o produtor, ou seja, quem mais se beneficia com as medidas implantadas ao setor cafeeiro são as cooperativas e seus cooperados, que comercializam em maior volume no mercado.

A tecnologia tem ajudado nas lavouras. Colheitadeiras mecanizadas, varredoras e secadores agilizam a safra do café em muitas propriedades, diminuindo o uso de serviços braçais, que na maioria das vezes, são demorados e rodeados de leis trabalhistas. A mecanização nas lavouras gera investimentos altos para a compra destes, reduzindo custos com mão-de-obra e tempo.

Devido aos preços baixos, os cafeicultores estão deixando de investir em tratamentos em suas lavouras. Em 2015, haverá uma redução significativa de café no mercado como consequência desta falta de investimento nas lavouras. Os preços voltarão a subir, o que animará muitos produtores. Havendo um aumento, muitos vão voltar a investir no café.

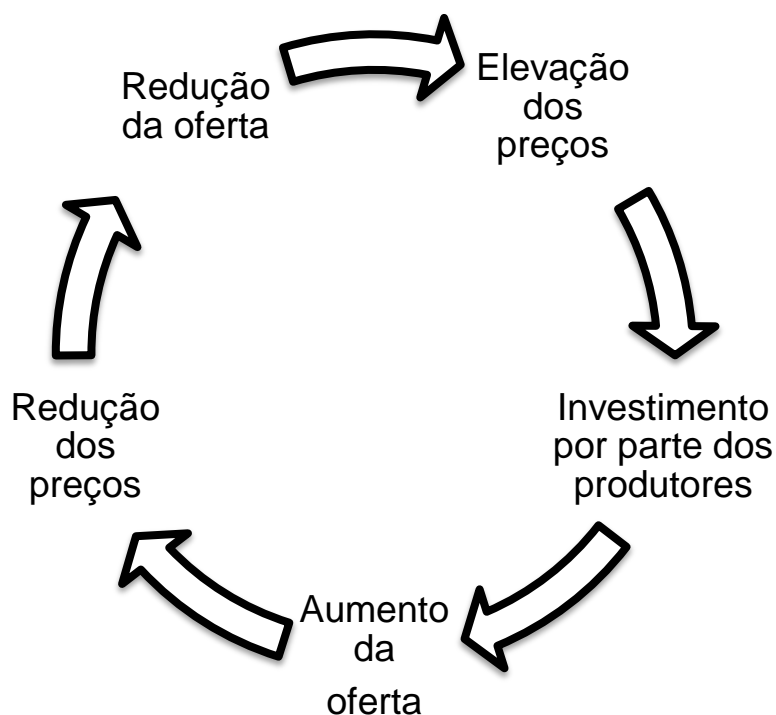


Figura 1. Ciclo do mercado
Fonte: Elaborado pela autora.

O mercado voltou a reagir e, com ele, a esperança de milhares de produtores que clamam pela valorização do café. Com a queda na produção em 2014 e 2015, chegando até 2016, as cotações das *commodities* terão uma alavancada significativa, chegando a valores absurdamente compensatórios.

O produtor que possuir safras estocadas neste período, mesmo que seja em pequena quantidade, terá um lucro satisfatório, pois o mercado estará com seus estoques em baixa e os preços estarão em alta.

Referências

Associação Brasileira da Indústria de café. Disponível em:

<<http://www.abic.com.br/publicue/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=38>>.

Acesso em: 10 jun. 2013.

BRASILEIRO, Silas. *2013: um ano de dificuldades e muito trabalho para o café*.

Disponível em: <<http://www.cocapec.com.br/>>.

Acesso em: 02 jan. 2014.

Café: contratos sobem mais de 800 pts e se aproximam dos US\$ 2 em NY.

Tradução de Fernanda Bellei. Disponível em:

<<http://www.noticiasagricolas.com.br/noticias/cafe/137514-cafe-contratos-sobem-mais-de-800-pontos-e-se-aproximam-dos-uss-2-00-em-ny.html#.U0NDgdJDvoE>>.

Acesso em: 07 abr. 2014.

CERQUEIRA, Wagner; GRADUADO, Francisco. *Agronegócio*. Equipe Brasil Escola.

Disponível em:

<<http://www.brasilecola.com/geografia/agronegocio.htm>>.

Acesso em: 21 out. 2013.

CHOUCAIR, Georgea. *Exportação de café especial aquece a economia no Sul de Minas*.

Disponível em: <

Acesso em: 17 mai. 2013.

Conab conclui leilões de café pela plataforma da Cetip. Disponível em:

<<http://www.cetip.com.br/Noticias?NoticialID=dd226f6d-4af7-47fa3-ad12-006309917ebc&TN1>>.

Acesso em: 25 fev. 2014.

CONCEIÇÃO, Júnia Cristina P. R. da. O papel do estado na certificação de produtos agrícolas. *Desafios do desenvolvimento*, Brasília, 2005. Disponível em:

<http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=772:p-papel-do-estado-na-certificacao-de-produtos-agricolas&catid=29:artigos-materias&Itemid=34>.

Acesso em: 02 jan. 2014.

Cooperativismo. Disponível em: <<http://www.cocapec.com.br/>>.

Acesso em: 02 jan. 2014.

COTRIM, Gilberto. Sociedade e economia da Primeira República. In:_____.

História global: Brasil e geral. São Paulo: Saraiva, 2005. cap. 48, p.458-469.

COTRIM, Gilberto. Era Vargas. In:_____. *História global: Brasil e geral*. São

Paulo: Saraiva, 2005. cap. 50, p.482-493.

DUARTE, Benjamin. O que falta ao café brasileiro. *Revista Attalea Agronegócios*, Franca, ano VII, p. 20-21. jan. 2014. 87ª edição.

Exportações. Disponível em:
<<http://www.abic.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=49>>.
Acesso em: 30 dez. 2013.

FERREIRA, Claudinei Mendes. *Um novo conceito de negócio para o desenvolvimento da cafeicultura regional*. 2006, 65 f. (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Econômicas). Centro Universitário de Franca Uni-FACEF, São Paulo, 2006.

GOMES, Helen Cristina Andrade. *O processo de certificação de um produto agropecuário: o caso do café paulista da região da Alta Mogiana*. 2011, 52f. (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Econômicas). Centro Universitário de Franca Uni-FACEF, São Paulo, 2011.

GUIMARÃES, Rubens José et al. *Cafeicultura*. Lavras: UFLA/FAEPE, 2002. 317 p.

NEVES, Marcos Fava; ZYLBERSZTAJN, Décio; NEVES, Evaristo Marzabal. *Agronegócio do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2005. 152 p.
O agronegócio no Brasil. Disponível em:
<<http://www.ecoagro.agr.br/agronegocio.php>>.
Acesso em: 30 dez. 2013.

O ciclo do café. Disponível em :
<<http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/ciclocafe.htm>>.
Acesso em: 13 jun. 2013.

OLIVEIRA, Sheila Fernandes Pimenta e. *Estrutura e formatação de trabalhos acadêmicos: compilação e discussão das normas da ABNT*. 3. ed. Franca (SP): UNI-FACEF, 2011.

Produção de café no Brasil. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Produ%C3%A7%C3%A3o_de_caf%C3%A9_no_Brasil>.
Acesso em: 30 dez. 2013.

ROSA, Adriana Menezes. *Uma nova visão da exportação de café industrializado*. 2008, 69 f. (Trabalho de Conclusão de Curso em Administração de Empresas). Centro Universitário de Franca Uni-FACEF, São Paulo, 2008.

SILVA, Rene Moraes da Costa et al. *O cooperativismo cafeeiro na região da Alta Mogiana*. Estudo de caso: Cooparaíso e Cocapec. 2001, 83 f. (Trabalho de Conclusão de Curso em Administração de Empresas). Centro Universitário de Franca Uni-FACEF, São Paulo, 2001.

VERGARA, Sylvia Helena Constant. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas, 2000. 47 p.